



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: neo fauvist anarchy

RESISTÊNCIA

PARA ALÉM DOS ARQUÉTIPOS

Nilciana Alves Martins (Nil)  [0000-0002-7337-5394](https://orcid.org/0000-0002-7337-5394)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este texto surge da necessidade de reconhecer determinadas trajetórias de vida como experiências que, ao serem apuradas, podem contribuir para a ampliação de nossos horizontes conceituais e práticos em relação às ações que podem ser compreendidas como parte de uma política radical anarquista. Revisitando a perspectiva de Emma Goldman, com base em uma metodologia pensada para a história intelectual e política, destacaremos suas possíveis contribuições para o desenvolvimento de um ativismo que busca promover formas de vida mais autônomas. Ao examinar os vestígios deixados por Goldman, torna-se evidente o caráter itinerante do anarquismo e sua contribuição para um ativismo intrinsecamente vinculado às concepções de corpo e vida como formas de resistência.

Palavras-chave

Emma Goldman; resistência; anarquismo; história intelectual.

RESISTANCE BEYOND THE ARCHETYPES

Abstract

This text arises from the need to recognize certain life trajectories as experiences that, when examined, can contribute to the expansion of our conceptual and practical horizons regarding actions that can be understood as part of a radical anarchist politics. By revisiting Emma Goldman's perspective, based on a methodology designed for intellectual and political history, we will highlight her potential contributions to the development of an activism interested in creating more autonomous forms of life. Through examining the traces left by Goldman, the itinerant nature of anarchism and its inherent connection to conceptions of the body and life as forms of resistance become evident.

Keywords

Emma Goldman; resistance; anarchism; intellectual history.

Submetido em: 31/05/2023
Aceito em: 04/08/2023

Como citar: MARTINS, Nilciana Alves. Resistência para além dos arquétipos. *(des)troços: revista de pensamento radical*. Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. e46387, jan./jun. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Ancestralidade Anarquista

Historicamente, pensar sempre envolveu certos riscos. As ideias são criações demasiadamente humanas, imagem e semelhança da vida em sua complexidade. O pensamento é algo criativamente caótico, apesar de domesticável. Ironicamente, a modernidade que mostrou que "tudo que é sólido se desmancha no ar"¹ nos transmitiu uma forma ainda dogmática de pensar, representar e interpretar as concepções. A busca pela doutrina pesou feito chumbo sobre a história das ideias. A ânsia por encontrar coerência, estabilidade e dureza nas reflexões de um escritor ou nas definições de um conceito gerou um conhecimento histórico mitológico,² isto é, uma prática historiográfica desvinculada da vida e do próprio objeto de pesquisa. Por conta disso, talvez devêssemos resgatar o caráter selvagem do pensamento, rompendo com as noções maniqueístas ao criar ou estudar uma ideia e reconhecendo o perspectivismo que envolve todo ato de pensar.

Ao desbloquear alguns entraves, e nesse quesito é sempre necessária a ação de forças individuais e coletivas, a história intelectual caminha, mesmo que a trancos e barracos, nessa direção. Com isso, encontramos algumas reflexões acadêmicas em torno do pensamento de mulheres como Emma Goldman (1869-1940),³ ainda que de forma emergente e residual quando comparada com temas mais tradicionais. No presente trabalho, onde a própria noção de cânone não tem vez, onde produzimos uma história intelectual aberta aos pensamentos marginais, vulgares, inusitados, criativos, livres e não devidores, a prática e a escrita antidogmática dos anarquistas deixam de ser "delírios

¹ MARX; ENGELS, *O manifesto comunista*.

² SKINNER, *Significado y comprensión en la historia de las ideas*.

³ Emma Goldman nasceu em 27 de junho de 1869, em Kovno (Lituânia), parte do Império Russo. Sua infância, como apontam seus biógrafos, foi marcada pela rigidez de seus pais. Em 1881, fugindo das forças antisemitas, a família mudou-se para São Petersburgo. Nesse período, Goldman começou a trabalhar em uma fábrica para ajudar nas finanças. Foi na capital que ela entrou em contato com obras de autores como Ivan Turguêniev e Nikolai Tchernichevski, fato que influenciou significativamente seu imaginário. Em 1885, emigrou para os Estados Unidos da América e, pouco tempo depois, estreitou laços com os círculos radicais. Ingressou nas fileiras anarquistas através da imprensa e de conferências, contribuindo para muitos periódicos da época. Diante de sua participação no atentado contra o industrial Henry Clay Frick (1892), passou a ser retratada de forma negativa e estereotipada pela esfera pública norte-americana. Um ano depois, foi presa por "incitar a desordem" nas manifestações que ocorreram na Union Square. Após cumprir a pena de dois anos, foi, com a ajuda financeira de companheiros, para Viena. Ali, profissionalizou-se e aproximou-se das reflexões de Nietzsche e Freud. Conheceu também importantes figuras anarquistas: Errico Malatesta e Louise Michel. Em 1900, voltou à Europa e participou do Congresso Anarquista de Paris. Em 1901, foi acusada de matar o presidente McKinley. Fundou a revista *Mother Earth* em 1906, sendo um dos periódicos anarquistas mais relevantes da época. Após o Congresso Anarquista de Amsterdã (1907), tornou-se defensora de um controle de natalidade vinculado às demandas das mulheres pobres, distribuindo escritos e métodos contraceptivos, o que era ilegal e lhe rendeu duas semanas em uma prisão de trabalhos forçados. Em 1917, foi novamente presa, dessa vez devido a sua reivindicação contra o alistamento militar obrigatório. Após dois anos de encarceramento, em 21 de dezembro de 1919, foi deportada para a Rússia, juntamente com mais 200 outros radicais imigrantes. Sua estadia de dois anos na Rússia foi um momento de inflexão. Diante do direcionamento dado pelo X Congresso do Partido Comunista da União Soviética, exilou-se na Inglaterra, fugindo de possíveis repressões. Em 1936, direcionou suas energias para a Guerra Civil Espanhola. Faleceu em 1940, no Canadá.

bestiais”, do que foram comumente acusadas, e passam a ser revisitadas como produções humanas que podem ter algo a contribuir.

Todavia, o que é o anarquismo? Uma teoria política? Uma forma de vida? Uma filosofia? Uma ideologia? Uma cultura política? O caráter plural das ideias e práticas anarquistas parece dificultar uma definição, ou melhor dizendo, abre a possibilidade para múltiplos olhares conceituais. De uma forma ou de outra, não há como negar que o anarquismo foi (e é) a mosca na sopa de muita gente “importante”. Apesar da diversidade performativa, uma coisa parece perpassar todas as manifestações anárquicas: a recusa do poder e seus efeitos. Isso contribuiu para que os anarquistas fossem os responsáveis por críticas precursoras⁴ ao capitalismo, ao Estado e aos mais diversos modelos representativos, como também ao avanço das forças coercitivas sob os corpos e mentes. Nesse artigo, nosso olhar será direcionado a uma anarquista em específico: Emma Goldman.

Goldman foi uma intérprete de seu tempo. Alguém que disputava a modernidade: ressignificava ideias, reivindicava formas desviantes de ser no mundo (uma vida mais autônoma) e que, como todos nós, carregava suas cicatrizes temporais. Compreendendo o anarquismo como uma criação coletiva, nosso objetivo será, através da análise de sua vida e obra à luz da história intelectual e política, resgatar vestígios que sugerem sua contribuição para um anarquismo preocupado com a criação de individualidades e corpos livres, e simultaneamente, atento as condições sociais de classe, gênero, raça e sexualidade. Se hoje esse é um “lugar comum” dentro do anarquismo, o é por conta do empenho de muitas pessoas, entre as quais está, sem dúvidas, Emma Goldman.

Goldman teve uma vida agitada. Disputou as questões socialmente vivas da modernidade com sua melhor arma: as palavras. Era uma mulher atenta ao mundo das letras, sendo leitora assídua de diversas áreas do conhecimento, algumas ainda emergentes em sua época, como é o caso do campo da sexologia. Um universo intelectual marcado por leituras transnacionais que perpassam a literatura, filosofia, política e os discursos científicos da época. O acesso ao conhecimento era uma parte importante do processo emancipatório pensado por Emma Goldman, dessa forma, em sua própria prática reflexiva, ela se mostrou aberta a uma circulação mais ampla de ideias. Goldman buscava analisar as perspectivas teóricas, as artes e a vida no sentido mais abrangente possível.

Essa interdisciplinaridade, e principalmente sua interpretação em torno de Friedrich Nietzsche,⁵ foi alvo de críticas dentro dos círculos libertários até muito recentemente, como sinaliza as afirmações em tom de desprezo de Murray Bookchin⁶ de que “apesar da confissão ideológica anarcocomunista, nietzscheanos como Emma Goldman continuam, em espírito, bem próximos dos individualistas”⁷ e que ela “está longe

⁴ Sendo necessário pontuar que o precursor não é, como muitos insistem em supor, alguém à frente de seu tempo. O precursor é uma minoria, composta por pessoas capazes de captar as inquietações de seu tempo de forma inusitada e desviante, porém ainda confinadas em sua jaula temporal. No presente ensaio, o termo é empregado nesse sentido.

⁵ Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo alemão conhecido por suas ideias provocativas e sua crítica à moralidade tradicional, à religião e à filosofia ocidental em geral.

⁶ Murray Bookchin (1921-2006) foi um escritor, filósofo, ecologista e ativista político norte-americano. Ele é conhecido como um dos pioneiros da ecologia social e defensor do “municipalismo libertário”.

⁷ BOOKCHIN, *Anarquismo, crítica e autocrítica*, p. 53.

de ser a pensadora mais competente do panteão libertário".⁸ Se ecos de uma busca por um purismo teórico infundado ressoam até hoje, há de se imaginar o porquê de no século XX Goldman ter dito que lidava com olhares reprovadores, possivelmente por sua *perspectiva mestiça*,⁹ fruto de experiências e de redes intelectuais plurais, como veremos no decorrer do presente ensaio.

Em sua autobiografia,¹⁰ publicada em 1931, Goldman relatou episódios que remetem a essa questão. Tomemos um como exemplo. Em 1895, após sua prisão na sombria *Blackwell's Island*, ela viajou para Viena com o objetivo de angariar o diploma de enfermeira e parteira. Durante sua estadia, ela se aproximou da literatura e das artes que corriam na capital, tendo a oportunidade de ler Friedrich Nietzsche e ouvir as conferências de Sigmund Freud. A ousadia e a força da escrita poética de Nietzsche a atraíram fortemente.¹¹ Ao trocar correspondências com seu amante Ed sobre essa nova descoberta, Goldman não encontrou reciprocidade, pois ele não compreendia os motivos dela gastar tempo com o que denominou "leituras frívolas".¹² Um olhar, no mínimo, relutante diante das novidades teóricas produzidas por outros espaços de experiência. Possivelmente, o fato de as boas novas terem sido indicações de uma mulher influenciara sua decidida recusa. Uma mulher que vai além das leituras recomendadas poderia parecer ousada demais para o espírito da época, podemos supor.

Vejamos outro exemplo ainda mais simbólico. Em uma conversa, durante um encontro que ocorreu quando Emma já estava de volta aos Estados Unidos, Ed, P. Yelineck¹³ e James Huneker¹⁴ tomaram por tema Nietzsche. Ali, Goldman resolveu expressar seu "entusiasmo pelo grande filósofo-poeta"¹⁵ o que, de imediato, surpreendeu Huneker que reagiu afirmando que não sabia que ela tinha interesse em algo "que não fosse a propaganda".¹⁶ Nesse caso, ele parece reproduzir algo enraizado no senso comum: a ideia de que os defensores de uma causa geralmente se limitam à leitura de textos relacionados à sua corrente específica. O que não é propriamente uma mentira. Entretanto, ao responder a Huneker que seu espanto se dava por ele não saber "nada sobre anarquismo",¹⁷ Goldman propõe um anarquismo aberto a experiências e redes intelectuais mais amplas e preocupado com a criação de novos valores, novas individualidades, tarefa essa que poderia se beneficiar da produção de Nietzsche.¹⁸

⁸ BOOKCHIN, *Anarquismo, crítica e autocrítica*, p. 60.

⁹ "Perspectiva mestiça" é um termo cunhado durante o processo de escrita deste ensaio. Nosso objetivo foi fazer referência às construções intelectuais de Emma Goldman, as quais são fruto de experiências e de redes intelectuais plurais. No entanto, as reflexões sobre as noções de "mestiço" e "mestiçagem" não são parte do léxico político-filosófico da autora, tendo sido desenvolvidos pela historiografia do sul global contemporânea.

¹⁰ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*.

¹¹ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, pp. 202-203.

¹² GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 203. Todas as citações diretas dessa obra são traduções livres da autora.

¹³ P. Yelineck foi um pintor.

¹⁴ James Huneker (1857-1921) foi um crítico musical, escritor e ensaísta americano, conhecido por sua abordagem subjetiva e provocadora à crítica de música e arte.

¹⁵ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 225.

¹⁶ HUNEKER *apud* GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 225.

¹⁷ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 225.

¹⁸ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 225.

Ao analisar a construção das linhas argumentativas da escrita goldminiana,¹⁹ percebemos uma *perspectiva mestiça*, isto é, encontramos críticas, apropriações, concessões e ressignificações de outros pensadores somados ao caráter original de suas próprias experiências e ideias. Dessa forma, não se trata de enquadrar Emma Goldman como uma nietzscheana, stirneriana ou qualquer coisa do gênero. Ela era uma mulher que criava suas ideias e práticas baseando-se nas suas próprias experiências, tomando posse, ressignificando, disputando e desviando as mais diferentes ideias espalhadas em seu tempo. Dessa forma, Goldman rompeu com o arquétipo do *propagandista disciplinado*,²⁰ aquele que ao “fazer o dever de casa” torna-se um leitor e reproduzidor acrítico de seus gurus ideológicos.

Outro ponto fundamental para nossa reflexão: a sexualidade. Emma Goldman fez contínuos esforços para trazer essa dimensão para dentro do anarquismo. Partindo principalmente de suas experiências pessoais, mas também de leituras sobre o tema, ela rapidamente compreendeu a centralidade que a sexualidade possuía na vida humana. Muitas vezes, foi obrigada a carregar essa questão praticamente sozinha, encontrando olhares de reprovação dentro das próprias fileiras. A questão sexual, especialmente no que diz respeito às condições das mulheres, é um elemento crucial dentro da perspectiva goldminiana.

Por exemplo, ao analisar a proposta pedagógica traçada por Francisco Ferrer,²¹ Goldman concordou com muitos pontos, escrevendo sobre o tema e palestrando em diversas localidades sobre a importância social da Escola Moderna. Além disso, participou da fundação da *Francisco Ferrer Association*, projeto que contribuiu para a divulgação da pedagogia libertária nos Estados Unidos. Ainda assim, apesar do significativo apoio, Goldman não compreendia seus correspondentes intelectuais como autoridades inquestionáveis e, dessa forma, ela naturalmente ressaltou, em sua análise sobre Ferrer e a Escola Moderna, a necessidade de uma educação propriamente sexual nas escolas,²² ampliando as ideias iniciais do pedagogo espanhol. Definitivamente, o anarquismo é uma construção coletiva!

Para Goldman, a expressão sexual era um “fator tão vital na vida humana quanto o alimento ou o ar”²³, o que a fez olhar com muito bons olhos o periódico *Free Society*,²⁴ defensor declarado da igualdade sexual. Ao conhecer a família Isaak, responsável pela revista, Goldman encontrou camaradas que “levavam suas tarefas muito a sério; mas também sabiam amar, beber e brincar”.²⁵ Esse era um ponto tão crucial que, mesmo

¹⁹ MARTINS, *Entre conceitos e ações*.

²⁰ Neste ensaio experimental, criamos algumas categorias para caracterizar uma parcela existente dentro de alguns círculos reivindicatórios do século XX. Os arquétipos aqui traçados não explicam essas pessoas e agrupamentos em sua totalidade, nem exploram sua complexidade, uma vez que esse não é nosso objetivo. Aqui, os arquétipos são usados como um meio de analogia mais didática para ilustrar como Emma Goldman abordava as questões de sua época, reivindicando a criação de visões e movimentos que abordassem aspectos ainda negligenciados por muitos.

²¹ Francisco Ferrer (1859-1909) foi um educador e anarquista espanhol, conhecido por fundar a Escola Moderna, um projeto educacional baseado em princípios libertários e racionais. Ele foi uma figura importante no movimento anarquista espanhol e teve um impacto significativo na promoção da educação laica, igualitária e emancipadora.

²² GOLDMAN, *La importancia social de la escuela moderna*.

²³ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 257.

²⁴ O *Free Society* (Sociedade Livre) foi um jornal anarquista publicado nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX.

²⁵ GOLDMAN, *Viviendo mi vida*, p. 257.

diante da extrema e autodeclarada estima²⁶ que tinha por Piotr Kropotkin,²⁷ ela não hesitou em mostrar seu firme descontentamento diante sua proposição de que discutir sexo configurava desperdício de espaço nas páginas do *Free Society*.²⁸

Emma Goldman compreendia o processo revolucionário como uma esfera que envolvia mudanças estruturais, como por exemplo o fim do capitalismo e do Estado, mas também aspectos mais subjetivos: uma mudança radical de valores. O corpo adquire, portanto, um papel fundamental. A criação de individualidades que *sabem o que são* e que possuem a coragem de *viver essa diferença*²⁹ tornam-se parte substancial do processo revolucionário. Daí a importância, por exemplo, das mulheres terem meios³⁰ de se libertar da moralidade dominante da época, definida por sua tendência em reprimir a sexualidade feminina e, simultaneamente, transformar as mulheres em mercadorias sexuais, em um produto.³¹

A criação de um novo mundo (futuro) envolve a construção de vidas mais autônomas (presente). E a busca por uma vida mais livre é uma dimensão pedagógica, inclui um olhar franco e cuidadoso em relação a si e aos outros. Com isso, os desdobramentos das questões femininas e sexuais tornam-se fatores a serem considerados. É preciso imaginar o anarquista feliz,³² foi essa intuição que fez Goldman romper com o arquétipo do *propagandista infeliz*.³³ aquele que, sentido amplo do termo, não goza e nem ri.

Compreendendo o anarquismo enquanto uma construção coletiva, um "agrupamento diverso e heterodoxo de ideias, sensibilidades morais, práticas e movimentos históricos e lutas, animado pelo [...] impulso antiautoritário",³⁴ podemos considerar que a vida e obra de Emma Goldman contribuíram para o desenvolvimento de um ativismo mais aberto as questões femininas e ao âmbito da sexualidade. O que podia ter feito dela, diante das demandas colocadas no mundo a partir do século XX, uma precursora³⁵ das reivindicações que se consolidaram, somente a partir dali, em certo

²⁶ Inúmeros adjetivos positivos são direcionados a Kropotkin na autobiografia de Emma Goldman.

²⁷ Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um geógrafo, biólogo, filósofo, cientista político e ativista anarquista russo.

²⁸ GOLDMAN, *Vivendo mi vida*, p. 286.

²⁹ "Podemos dizer que a individualidade é a consciência do indivíduo de ser o que é, e de *viver essa diferença*" (grifo nosso) (GOLDMAN, *O indivíduo, a sociedade e o estado*, p. 33).

³⁰ Talvez por isso, Goldman, ao disputar a noção de emancipação feminina, trouxe para o centro do debate a importância da educação sexual e do autoconhecimento, tanto no que diz respeito ao corpo quanto à mente. Além de muitas outras questões, ela defendia o acesso a métodos contraceptivos e o direito das mulheres de viverem suas próprias vidas, indo além da moral de rebanho.

³¹ Essa dupla tendência pode parecer paradoxal, mas não o é.

³² O termo "anarquista feliz" faz uma alusão a frase "deve-se imaginar Sísifo feliz", escrita por Albert Camus (CAMUS, *O mito de Sísifo*).

³³ Neste ensaio experimental, criamos algumas categorias para caracterizar uma parcela existente dentro de alguns círculos reivindicatórios do século XX. Os arquétipos aqui traçados não explicam essas pessoas e agrupamentos em sua totalidade, nem exploram sua complexidade, uma vez que esse não é nosso objetivo. Aqui, os arquétipos são usados como um meio de analogia mais didática para ilustrar como Emma Goldman abordava as questões de sua época, reivindicando a criação de visões e movimentos que abordassem aspectos ainda negligenciados por muitos.

³⁴ NEWMAN, *Do anarquismo ao pós-anarquismo*, p. 31.

³⁵ Sendo necessário pontuar que o precursor não é, como muitos insistem em supor, alguém à frente de seu tempo. O precursor é uma minoria, composta por pessoas capazes de captar as inquietações de seu tempo de forma inusitada e desviante, porém ainda confinadas em sua jaula temporal. No presente ensaio, o termo é empregado nesse sentido.

“lugar comum” dentro das esquerdas. Por outro lado, perante os novos desafios do século XXI e o constante avanço das forças neoliberais, a perspectiva goldminiana, com foco em sua busca por individualidades livres, pode cooperar na luta contra o espectro de fetichização e autoritarismo que se instaurou no mundo contemporâneo e que ronda as mais diversas subjetividades identitárias.

Emma Goldman também foi responsável por propor uma emancipação feminina que objetivasse quebrar as “barreiras artificiais”,³⁶ as “tirantias internas”,³⁷ isto é, romper com os vestígios (não só econômicos, mas também morais, intelectuais, psíquicos e, quiçá, cognoscitivos) da dominação que as mulheres foram submetidas por séculos. A emancipação goldminiana é um convite à criação de formas de vida mais autônomas. É um rompimento com a moral de rebanho e uma defesa da possibilidade de as mulheres viverem suas próprias vidas. É uma busca pela livre criação e expressão de um *eu* que historicamente nos foi negado.

Goldman, ainda no século XX, pluralizou a categoria mulher. Portanto, dentro de sua proposta emancipatória, as mulheres pobres, trabalhadoras, imigrantes, prostitutas ocuparam um importante espaço. Isso porque uma emancipação feminina que não abarcasse a luta contra as condições desiguais dessas mulheres (e das mais diversas mulheres presentes naquele mundo) não deveria ser reconhecida como, de fato, uma emancipação, daí a afirmação de que “agora, a mulher enfrenta a necessidade de emancipar-se da emancipação, se ela realmente deseja ser livre”.³⁸ Uma defesa que delimitasse a ideia de emancipação a uma reivindicação pelo sufrágio e ao acesso ao mercado de trabalho parecia insuficiente para Goldman, tratava-se, portanto, de uma “emancipação parcial”.³⁹ Ela desejava mais. Em sua concepção:

A maior deficiência da emancipação contemporânea reside na sua *rigidez artificial e sua limitada noção de decência*, produzindo um vazio na alma da mulher que não a deixará beber da nascente da vida. [...] *Necessitamos crescer sem os obstáculos das antigas tradições e hábitos*. O movimento da emancipação feminina deu seu primeiro passo nessa direção. Esperamos que tenha forças para dar o próximo. O direito ao voto, ou igualdade dos direitos civis, podem ser boas demandas, mas a verdadeira emancipação não começa nas eleições ou nos tribunais. *Começa na alma da mulher*. A história nos mostra que toda classe oprimida conquistou a verdadeira libertação de seus senhores pelos seus próprios esforços. É necessário que a mulher aprenda essa lição, que perceba que sua liberdade alcançará tão alto quanto for seu vigor para conquistar sua liberdade. *É, portanto, muito mais importante que ela comece por sua regeneração interna, que se liberte do peso dos preconceitos, tradições e costumes*.⁴⁰ (grifos nossos)

Emma Goldman, ao perceber que, muitas vezes, o discurso reivindicatório feminino da época excluía boa parte das mulheres presentes naquela sociedade, disputou a ideia de emancipação feminina e contribuiu para a possibilidade do desenvolvimento de um discurso feminino mais aberto as minorias. Fez isso também com a pauta pelo controle de natalidade.

³⁶ GOLDMAN, *A tragédia da emancipação feminina*.

³⁷ GOLDMAN, *A tragédia da emancipação feminina*, p. 32.

³⁸ GOLDMAN, *A tragédia da emancipação feminina*, p. 27.

³⁹ GOLDMAN, *A tragédia da emancipação feminina*, p. 35.

⁴⁰ GOLDMAN, *A tragédia da emancipação feminina*, pp. 34-35.

Em 1873, os Estados Unidos da América promulgaram a Lei *Comstock*,⁴¹ uma homenagem a Anthony Comstock.⁴² O objetivo era reprimir o comércio e a circulação de ideias e materiais considerados obscenos, dentre os quais constava, os livros, panfletos e informações sobre o controle de natalidade e os métodos propriamente contraceptivos. Nesse período, começaram a aparecer discursos contrários a essas ações e defesas por uma "maternidade voluntária". Era o início de uma longa luta pelo controle de natalidade.

Apesar do caráter progressista do *slogan* da "maternidade voluntária", o movimento pelo controle de natalidade, principalmente a partir de 1919, sofreu forte influência das ideias eugenistas, transformando-se, majoritariamente, em algo mais próximo de um controle populacional⁴³ marcadamente racista e classista. Como salienta Angela Davis:

Se as sufragistas aquiesceram aos argumentos que invocam a extensão do voto às mulheres como salvação da supremacia branca, então as defensoras do controle de natalidade ou aquiesceram ou apoiaram os novos argumentos invocando o controle de natalidade como um meio de prevenir a proliferação das 'classes baixas' e como um antídoto ao suicídio de raça. Este poderia ser prevenido pela introdução de métodos contraceptivos entre a população negra, imigrante e pobre em geral. Assim, as brancas prósperas de sólida linhagem ianque poderiam continuar sendo superiores em número na população. *Dessa forma, o viés de classe e racismo se infiltraram no movimento pelo controle de natalidade ainda em sua infância.* Cada vez mais, aceitava-se nos círculos do movimento que as mulheres pobres, tanto negras quanto imigrantes, tinham um 'dever moral de restringir o tamanho de sua família'. O que era reivindicado como um 'direito' para as mulheres privilegiadas veio a ser interpretado como um 'dever' para as mulheres pobres.⁴⁴ (grifos nossos)

Em suma, eram diversos os motivos e argumentos que levavam as pessoas a defenderem o controle de natalidade naquela época. Apesar de ainda existir certa pluralidade, perpetuavam ali discursos racistas e pouco abertos a classe trabalhadora.

⁴¹ Sobre Anthony Comstock, Goldman acrescenta que: "Comstock é a expressão grosseira do puritanismo que se enraizou no sangue anglo-saxão, e mesmo os liberais mais progressistas não conseguiram se emancipar". No que se refere as ações repressivas engendradas por conta da Lei Comstock, ela pontua que: "A arte, a literatura, o teatro, a privacidade da correspondência, de fato, nossos gostos mais íntimos, estão à mercê desse inexorável tirano. Anthony Comstock, ou qualquer outro policial ignorante, recebeu o poder de profanar o gênio, derrubar e mutilar a sublime criação da natureza: o corpo humano. Livros que tratam das questões mais vitais de nossa vida e buscam lançar luz sobre problemas perigosamente ocultados são legalmente tratados como ataques criminosos, e seus infortunados autores são lançados na prisão ou levados ao desespero e à morte." (GOLDMAN, *La hipocresía del puritanismo*, pp. 77; 80). Todas as citações diretas dessa obra são traduções livres da autora.

⁴² Anthony Comstock (1844-1915) foi um ativista moral e agente especial dos Estados Unidos. Foi fundador da Sociedade para a Supressão do Vício em 1872, uma organização dedicada à moralidade pública e à repressão de materiais considerados obscenos. Ele também influenciou a aprovação da Lei Comstock, promulgada em 1873, que proibia a distribuição de materiais obscenos e informações sobre controle de natalidade. Comstock atuou como agente especial dos Correios dos Estados Unidos, o que lhe conferia poderes de apreensão e detenção para combater a obscenidade no sistema postal. Ele confiscou e destruiu uma quantidade significativa de materiais considerados obscenos, incluindo livros, revistas e panfletos. Sua atuação era motivada por convicções religiosas e moralistas, acreditando que a pornografia e a contracepção eram prejudiciais à sociedade. Comstock era conhecido por sua abordagem implacável e por considerar-se um defensor da moralidade pública.

⁴³ Sobre a influência das ideias eugenistas no movimento pelo controle de natalidade, cf.: DAVIS, *Mulheres, raça e classe*.

⁴⁴ DAVIS, *Mulheres, raça e classe*, p. 212.

Mas esse não era o caso de Emma Goldman. Primeiramente, porque ela reconhecia que a continuidade de altas taxas populacionais se relacionava com as próprias necessidades do capitalismo e de seu militarismo, já que "são as massas que fornecem o material a ser destruído nas trincheiras e nos campos de batalha".⁴⁵ Em um mundo onde a maioria dos nascidos eram destinados as fábricas ou as trincheiras, Goldman propôs um novo tipo de maternidade.

Emma Goldman relacionava a adesão ao movimento pelo controle de natalidade ao "despertar intelectual da mulher",⁴⁶ ou seja, a percepção feminina que não desejava mais fazer parte do "crime de trazer infelizes crianças ao mundo unicamente para serem moídas aos pedaços pelas engrenagens do capitalismo e para serem estraçalhadas nas trincheiras e campos de batalhas".⁴⁷ O acesso a métodos contraceptivos também possibilitaria as mulheres um "conhecimento que as permita se recuperar em um período entre 3 a 5 anos entre cada gravidez, o que por si só lhes daria o bem-estar físico e mental e a oportunidade de cuidar melhor da criança já existente".⁴⁸ Há, portanto, uma preocupação com o corpo feminino e com a criança dentro da defesa do controle de natalidade proposta por Goldman.

O acesso a métodos contraceptivos também poderia possibilitar a existência de famílias menores dentro da classe trabalhadora, o que contribuiria na organização da classe, já que, em sua visão, com medo de perder o emprego que alimenta as crianças, muitos trabalhadores não ousam "ingressar na organização revolucionária; não ousam entrar em greve; não ousam expressar uma opinião".⁴⁹

Aos "charlatões"⁵⁰ que se opunham ao controle de natalidade por conta do culto sexista à maternidade, Goldman lembra que eles desconsideravam o fato de que "mães foram forçadas a trabalhar arduamente para sustentar as criaturas que, a contragosto, trouxeram ao mundo"⁵¹ e que "milhares de mulheres são sacrificadas resultado de abortos realizados em segredo e apressadamente por médicos charlatões ou parteiras ignorantes",⁵² isso tudo por elas não terem conhecimento e acesso à métodos contraceptivos. O controle de natalidade era algo, na concepção de Goldman, que deveria se definir como um movimento mundial,

[...] um movimento que visa libertar as mulheres do terrível jugo e sujeição à gravidez forçada; um movimento que demanda o direito à cada criança de nascer bem [...] um movimento que deverá ajudar a libertar o parto de sua eterna opressão; um movimento que deverá abrir as portas para um novo tipo de maternidade.⁵³

Emma Goldman, ao contrário de muitas de suas conterrâneas, defendia o controle de natalidade como uma forma de trazer autonomia para os corpos femininos, uma maneira de contribuir para a auto-organização dos trabalhadores e construir uma vida mais passível de ser vivida para as crianças. Em resumo, um meio que poderia ajudar na

⁴⁵ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 78.

⁴⁶ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 79.

⁴⁷ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 79.

⁴⁸ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 80.

⁴⁹ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 80.

⁵⁰ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 81.

⁵¹ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 81.

⁵² GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 82.

⁵³ GOLDMAN, *Os aspectos sociais do controle de natalidade*, p. 84.

construção de um novo tipo de maternidade. Dessa forma, Goldman reivindicava um controle de natalidade que contribuiria não para o controle populacional elitista e racista, mas, ao contrário, para a emancipação das mulheres, dos homens e crianças das classes desprivilegiadas.

Ao propor uma emancipação feminina que ia *além* das mulheres brancas e herdeiras, ao reivindicar um controle de natalidade capaz de dar vida a um novo tipo de maternidade, isto é, uma maternidade livre e atenta as especificidades das condições das mulheres das classes mais desfavorecidas, Goldman rompeu com o arquétipo da *ativista puritana e paroquial*:⁵⁴ aquela para qual a emancipação abarca somente a si e suas amigas.

A essa altura, torna-se evidente que Emma Goldman foi uma mulher que ousou ir além. Sua perspectiva e forma de apreender o mundo estavam envoltas em leituras transnacionais, mas, principalmente, eram influenciadas por sua experiência de vida. Muitos adjetivos rondaram Goldman – mulher, filha, esposa, imigrante, anarquista, trabalhadora, editora, escritora, oradora, parteira, enfermeira, só para citar alguns – e ela absorveu algo de cada um deles. Ao disputar as explicações e reivindicações sociais de sua época, Goldman contribuiu para um ativismo mais plural, aberto a questões negligenciadas por muitos de seus contemporâneos, sugerindo uma resistência que ia além dos arquétipos. Que sua coragem nos inspire!

⁵⁴ Neste ensaio experimental, criamos algumas categorias para caracterizar uma parcela existente dentro de alguns círculos reivindicatórios do século XX. Os arquétipos aqui traçados não explicam essas pessoas e agrupamentos em sua totalidade, nem exploram sua complexidade, uma vez que esse não é nosso objetivo. Aqui, os arquétipos são usados como um meio de analogia mais didática para ilustrar como Emma Goldman abordava as questões de sua época, reivindicando a criação de visões e movimentos que abordassem aspectos ainda negligenciados por muitos.

Referências

- BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo, Crítica e Autocrítica*. Trad. Felipe Corrêa e Alexandre B. de Souza. São Paulo: Hedra, 2010.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERRER, Francisco. *A escola moderna*. Trad. Camilo Alvares e Rodrigo Rosa da Silva. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GOLDMAN, Emma. A tragédia da emancipação feminina. In: GOLDMAN, Emma. *Questão feminina, Emma Goldman*. Trad. Gabriela Brancaglioni. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019. pp. 24-35.
- GOLDMAN, Emma. La hipocresía del puritanismo. In: GOLDMAN, Emma. *La palabra como arma*. Trad. Alex Rodríguez Mendoza e Eduardo Bisso. La Plata: Terramar, 2010. pp. 75-81.
- GOLDMAN, Emma. La importancia social de la Escuela Moderna. In: GOLDMAN, Emma. *La palabra como arma*. Trad. Alex Rodríguez Mendoza e Eduardo Bisso. La Plata: Terramar, 2010. pp. 161-169.
- GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra, 2007.
- GOLDMAN, Emma. Os aspectos sociais do Controle de Natalidade. In: GOLDMAN, Emma. *Questão feminina, Emma Goldman*. Trad. Gabriela Brancaglioni. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019. pp. 76-85.
- GOLDMAN, Emma. *Viviendo mi vida*. Trad. Antonia Ruiz Cabezas. España: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1996. (Tomo I).
- IBÁÑEZ, Tomás. *Anarquismo é movimento: anarquismo, neoanarquismo e pós-anarquismo*. Trad. Sergio Norte. São Paulo: Intermezzo: Imaginário, 2015.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Espelhos das cidades*. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LOBO, Elisabeth Souza. *Emma Goldman: a vida como Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LOUISE, Michel. *Tomada de posse*. São Paulo: Alex Peguinelli Trevizo: Autonomia Literária, 2021.

MARTINS, Nilciana Alves. *Entre conceitos e ações: a perspectiva goldminiana em foco*. 2022. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

MARX, K; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Trad. Marcus Mazzari. São Paulo: Hedra, 2010.

NEWMAN, Saul. *Do anarquismo ao pós-anarquismo*. Trad. Lucas Lazzaretti. São Paulo: Sobinfluencia, 2022.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICHTER, Liane Peters. *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SIQUEIRA, Maurício; COCCO, Giuseppe (Orgs.). *Por uma política menor: arte, comum e multidão*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. *Prismas*, v. 4, n. 2, pp. 149-191, 2000.

SOUZA, Ingrid Souza Ladeira de. *"Salimos a la lucha ... sin Dios y sin Jefe": o periódico La Voz de la Mujer como experiência feminina do Anarquismo na Argentina (1896-1897)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

WARK, McKenzie. *O capital está morto*. Trad. Dafne Melo. São Paulo: Editora Funilaria e Sobinfluencia, 2022.

SOBRE A AUTORA

Nilciana Alves Martins (Nil)

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, vinculada ao Laboratório de História Política e Social (LAHPS/UFJF). Possui o canal História com a Nil, disponível no *Youtube*. E-mail: nilcianaalves@gmail.com.